

Plantas Úteis, Religiosidade e Recurso Natural em Bonfim de Feira, Bahia

Useful Plants, Religiosity, and Natural Resource in the Bonfim De Feira District, Bahia

Introdução

A liturgia do “Domingo de Ramos” é uma tradição cristã que lembra a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém, na qual por influência europeia/católica, a simbologia mais usual é o ramo de oliveira ou de palmeira. Contudo, a população de Bonfim de Feira exibe uma grande quantidade de plantas com diferentes funções na medicina popular (Fig. 01).

Esta manifestação religiosa motivou a realização da pesquisa que, para tanto, os ritos sacros tornaram-se campo de observação. Desta maneira, foram observadas três celebrações católicas e oito afro-brasileiras entre abril de 2009 e março de 2010. Nesta trajetória, conversas informais com três senhoras (60 a 70 anos) e com líderes afro-brasileiros foram essenciais para obtenção de formas de uso e designações locais. Além disso, foram inseridos os dados do mapeamento da cobertura vegetal na pedreira “São Bento” (Fig. 02).

Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar o quadro das plantas úteis nas manifestações religiosas e a cobertura vegetal na área da pedreira abandonada, que representam respectivamente a resistência de uma tradição cultural e a capacidade de recuperação do meio ambiente e recurso natural.

As manifestações religiosas

No “Domingo de Ramos”, enquanto os fiéis mantinham as folhagens para o alto em gesto de súplica e espera de benção, o cenário suscitou questionamentos sobre a origem e a persistência do costume (Fig. 01). No decorrer da pesquisa, as três senhoras contatadas foram unânimes quanto à antiguidade e ao uso medicinal das folhas. Uma delas conhece este costume do município vizinho, Santo Estevão, onde nasceu há quase 70 anos.

Liana Maria Barbosa¹, Gracinete Bastos de Souza², Alisandra de Souza Silva³, Laina de Freitas Melo⁴, Agda da Luz Oliveira⁵

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o quadro das plantas úteis nas manifestações religiosas e da cobertura vegetal da área de uma pedreira abandonada, que representam respectivamente a resistência da tradição cultural e a recuperação de um recurso natural no distrito Bonfim de Feira, uma das mais antigas povoações de Feira de Santana (Bahia).

Palavras-chaves: Recursos Naturais; Plantas Medicinais; Feira de Santana

Área Temática: Meio ambiente

Linha de Extensão: Questões ambientais

¹ Professora. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: liana@uefs.br

² Professora. UEFS. E-mail: gracinet@uefs.br

³ Licenciada. UEFS. E-mail: alisandra.silva@gmail.com

⁴ Bolsista PIBIC/CNPq/UEFS. UEFS. E-mail: laina_mello@hotmail.com

⁵ Mestranda. UEFS



Figura 01 – Folhagens na Procissão de Ramos (Fotografias de 05/04/2009)

Duas senhoras relatam o uso mítico e a importância da benzedura na liturgia católica, que tornam tais folhas mais poderosas em suas finalidades:

“É um costume antigo. A gente leva a folha na procissão. Os ramos recebem a benção durante a missa. Depois da missa, a gente guarda. Quando é preciso, é só fazer o chá. Todo mundo leva o que tiver no quintal”, relata a senhora 1 (28 out. 2009). “É costume antigo. A gente leva o que

tiver em casa. Depois quando precisa faz o chá”, diz a senhora 2 (28 out. 2009). “No Domingo de Ramos todo mundo leva aqueles ramos que é para o padre benzer; a tradição vem de muito tempo, desde o tempo de Jesus... Dependendo da nossa crença, se a gente tem qualquer problema, já acredita que aquele chá vai ser alguma coisa prá nós; aquela folha já está benta e faz mais efeito do que aquela que a gente pega aí nos matos”, relata a senhora 3 (17 jan. 2010).

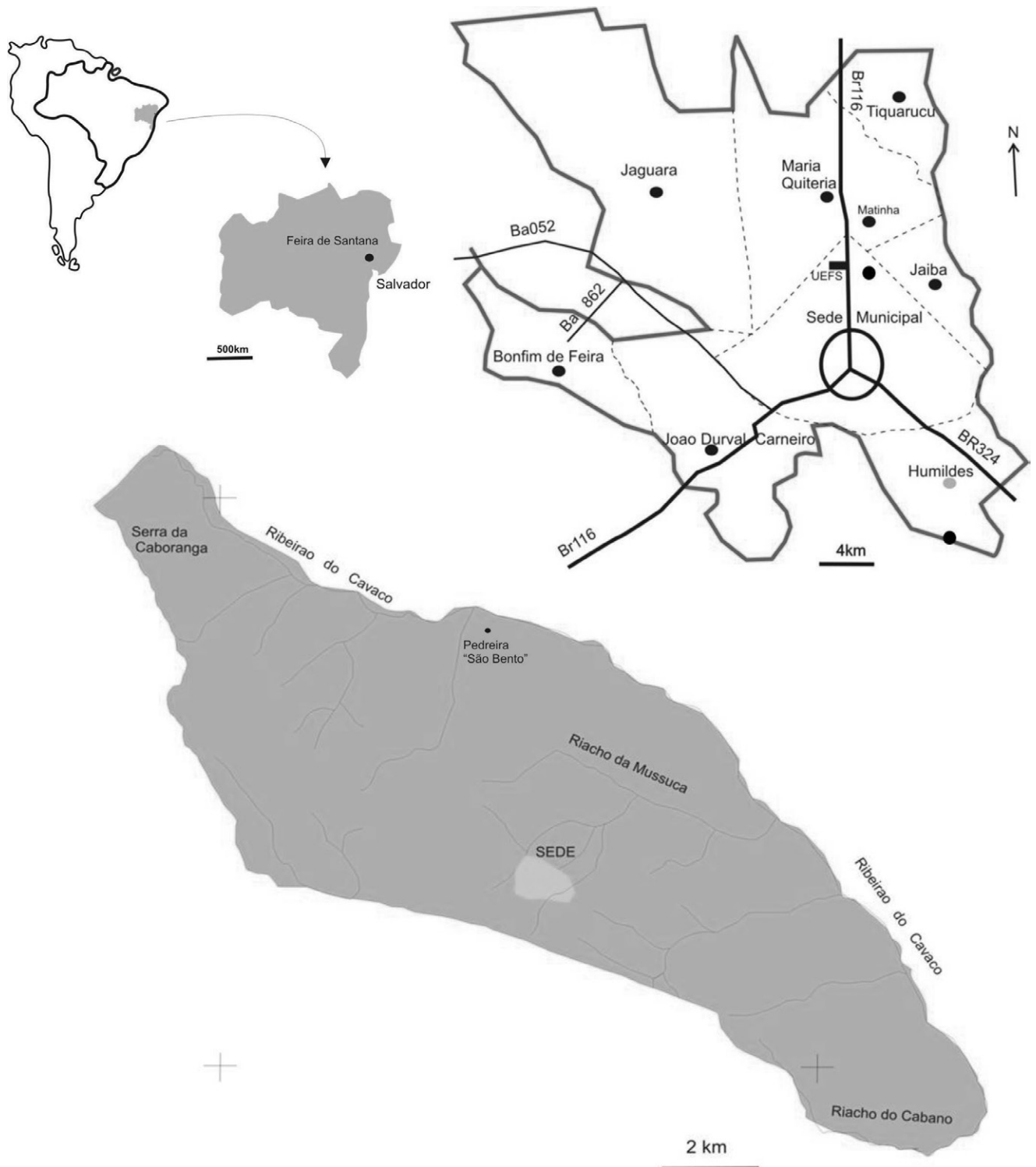


Figura 02 – Localização do distrito Bonfim de Feira (Fonte: Projeto Recursos Naturais e Materiais de Construção em Feira de Santana)

A terceira senhora se refere também ao uso das plantas para banhos e ritos, que estão presentes tanto nas práticas do candomblé quanto no catolicismo:

com a crença que a gente tem, a gente leva até pindoba, que serve para queimar; a cinza da pindoba é para usar na quinta ou sexta maior, e na quarta-feira de cinza, prá fazer a cruz na nossa

testa. Esta tradição vem das pessoas mais idosas, eu alcancei isso do meu bisavô, do avô de minha mãe... a gente leva qualquer planta que sirva para fazer chá, por exemplo: suspiro-branco, capim-santo, catinga-de-porco que é também o chá-de-maria, alecrim-de-caco, alecrim-de-tabuleiro, arruda, alumã. Chá-de-maria – a catinga-de-porco serve prá gripe; suspiro-branco

serve prá coração. Prá banho a gente usa chorrão – água de alevante, tem duas a miudinha e a graúda. Prá banho cozinha água de alevante, quioiô, arruda, manjerição, tanto faz da graúda ou da miúda; a gente cozinha pião-roxo e a quarana. Senhora 3 (17 jan. 2010).

Duas senhoras são rezadeiras, adeptas do culto afro-brasileiro e convivem em harmonia com a igreja católica. Similarmente, constata-se que vários outros fiéis da procissão de “Ramos” são também “povo de santo”, com participação importante nos terreiros. Portanto, das folhagens cheirosas de “Ramos” a ida aos terreiros foi uma consequência natural.

São nove “Centros de Umbanda”, dentre os quais apenas um tem uma mulher como líder, que é a mais velha no culto. Estes líderes são conhecidos como “curadora” e “curadores”, ao passo que eles se autodenominam “zeladores”.

No espaço dos terreiros, os tambores artesanais “couros de oca” despertam atenção. Eles são feitos com couro de bode e tronco oco de murici, coqueiro e jaqueira. E, um dos “fabriqueiros” e “ogã” explica que o tronco é coletado na mata, mas “*precisa estar oco*” porque árvores sadias não são usadas. Isto revela cuidado com o extrativismo e com a natureza, além da manutenção de uma arte secular, a contar pela descrição de 1813 no interior de Pernambuco:

“Os índios que estavam em meu serviço solicitavam algumas vezes permissão para dançar ante minha residência e eu consentia, divertindo-me muito... Os negros livres também dançavam, mas se limitavam a pedir licença e sua festa decorria diante de umas das suas choupanas. As danças lembravam as dos negros africanos... Os escravos igualmente pediam permissão para suas danças. Os instrumentos musicais eram

extremamente rudes. Um deles uma espécie de tambor, formado de uma pele de carneiro, estendida sobre um tronco oco de árvore (Kostner, p. 316¹).

Dentre as celebrações afro-brasileiras de Bonfim de Feira, foram observadas as obrigações para Oxalá/Senhor do Bonfim, Ogum/Santo Antônio, Abaluaê/São Roque, Iansã/Santa Bárbara, Caboclo/Índio/Boiadeiro, Cosme e Damião, aniversário de líderes e confirmação de filho de santo, nas quais folhagens e raízes são imprescindíveis, especialmente para Caboclo.

As plantas (folhas, flores, raízes, ervas) estão nos defumadores, na ornamentação, nos ritos (banhos, abertura do festejo, alimentos e oferendas) e inclusive nos cânticos. Uma das músicas revela: “*defuma com as ervas da jurema, defuma com arruda e guiné, alecrim, benjoim, alfazema, vamos defumar filhos de fé*”. Quanto ao emprego mítico, mágico e terapêutico, apreende-se da explicação de um dos zeladores: “*alumã – alivia dores no estômago, alfazema – afasta maus espíritos, quioiô – combate verminoses... o abô é uma conserva, muito útil para o candomblé*”. Algumas folhagens são essenciais para banhos, para preparação das oferendas e abertura dos rituais.

Portanto, na casa do “Caboclo Boiadeiro”, a ornamentação dos 50m² do teto do barracão exibiu raízes de bromeliáceas e frutas para a celebração de julho (Fig. 03). Os altares com imagens, velas e oferendas receberam flores, palmeira, pindoba, murta, alecrim-de-vaqueiro e mangueira. Exceto frutas e flores, as raízes e folhas foram coletadas nas serras com esmero e cuidado, de acordo com o preceito. Isto significa “*amor, dedicação e respeito pelo Orixá e pela casa*”. No entanto, o zelador lamenta, “*está ficando cada vez mais difícil*”, pelo aumento de dias de caminhada e coleta em locais mais distantes.



Figura 03 – Ornamentação em homenagem ao Caboclo (julho/2009)

Ademais, nas manifestações católicas (Senhor do Bonfim, Santo Antônio, São Roque), apenas pindoba e murta têm função marcante. Itens coletados nas matas estão invariavelmente na ornamentação do templo e dos andores para as procissões. Após a celebração, a pindoba verde é colocada para secagem e queima para produção da cinza litúrgica pós-carnaval e de final de Páscoa. Por vezes, o pároco usa ramos de murta para salpicar água benta nos fiéis.

As plantas úteis e o recurso natural

Como sumário, a Tabela I traz 77 itens distribuídos em quatro blocos: “outros” (praças/ruas/calçadas), “ramos”, “terreiro” e “pedreira”. Há plantas comuns em diferentes blocos, portanto 40% são identificados em mais de um bloco (Fig. 04A). Neste contexto, o maior percentual é

para o grupo terreiro/procissão de “Ramos”. Quanto à forma de obtenção, 68% são provenientes de cultivo em quintais e jardins (Fig. 04B). As práticas de uso medicinal são mais frequentes, seguidas de uso ritual (Fig. 04C). O maior número de plantas tem apenas uma função, porém algumas ainda estão sem informação (Fig. 04D).

Dentre estas categorias, o emprego medicinal refere-se ao uso da folha para amenizar e solucionar problemas ou enfermidades do corpo. De outra forma, o uso ritual está associado com benzeduras, males do espírito, banhos de filhos de santo e ritos nos terreiros. Algumas plantas servem apenas para ornamentação, mas sem função especial. A categoria alimentar reúne os itens de culinária, cozimento e aproveitamento de frutos. Além destes, o uso como brinquedo e para produção de artefatos é mencionado.

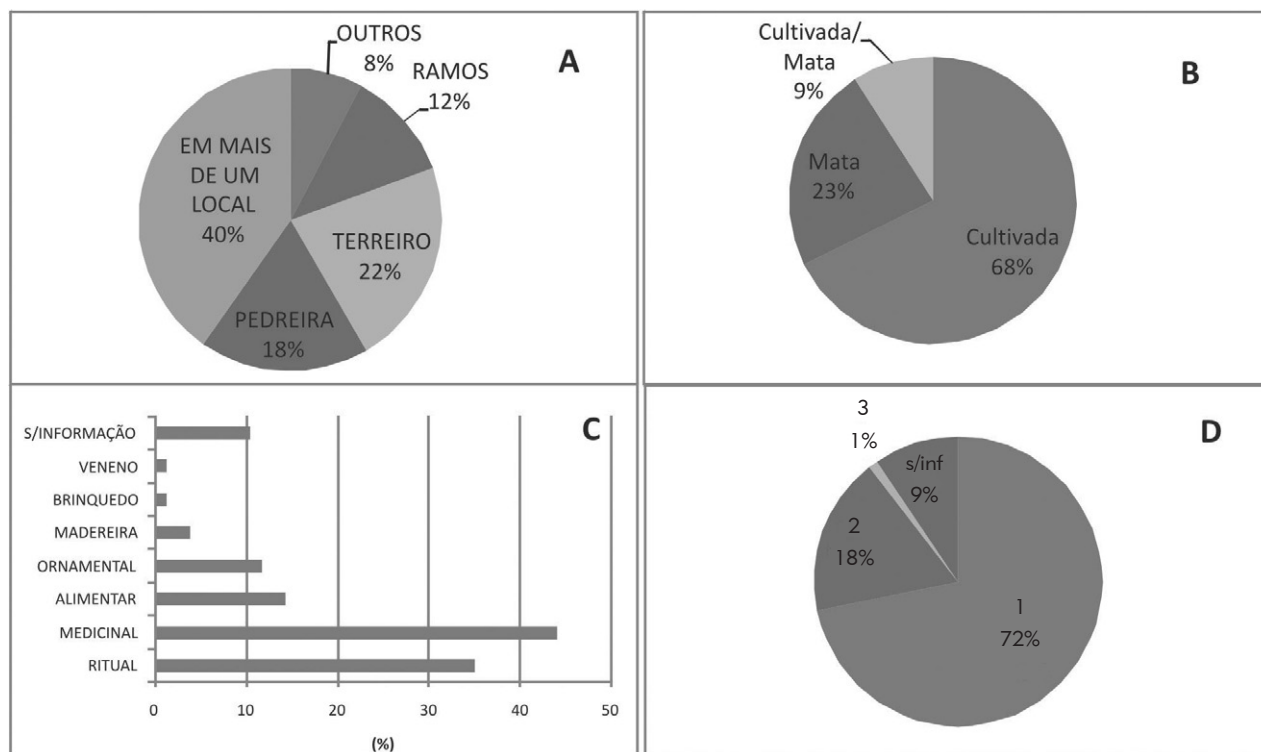


Figura 04 – Frequência da amostragem: (A) blocos de amostragem; (B) formas de obtenção do recurso; (C) finalidades de uso e (D) plantas úteis. Simbologia: (1), (2) e (3) formas de uso; s/inf – sem informação

Estudos revelam que antropólogos, sociólogos e etnobotânicos, dentre outros, têm descrito e discutido o uso das plantas com base nos costumes das comunidades tradicionais. Na atualidade, há diversas vertentes com interesse em preservar o conhecimento tradicional, a exemplo de Serra², Caroso & Bacelar³ e Moura⁴. Há também interesses econômicos, que visam atender demanda de mercado e desta maneira, aproveitar o conheci-

mento tradicional e realizar investigações químicas e toxicológicas, como se apreende em Moraes *et al.*⁵ e Pires *et al.*⁶. Ademais, as diretrizes da Organização Mundial de Saúde recomendam:

“Fazer conexão entre a medicina tradicional empírica e a medicina científica. Assegurar que os medicamentos à base de plantas não sejam refutados por puro preconceito, mas também não sejam aceitos como verdade absoluta sem questionamentos” (Almeida⁷).

Pelo exposto, este tema suscita interesse em diversas áreas do conhecimento. Desta maneira, dentre outras questões, o quadro das plantas de Bonfim de Feira suscita a preocupação ambiental e preservacionista, bem como fortalece as recomendações do diagnóstico ambiental de Silva & Souza⁸. Os problemas ambientais em Bonfim de Feira se devem aos processos degradacionais, tais como assoreamento dos riachos e erosão, como consequência do desmatamento, da pastagem e da extração de rocha. Ainda de acordo com Silva & Souza⁸ e considerando EMBRAPA⁹, o que resta da vegetação integra o bioma *Caatinga*. Nestas condições, a cobertura vegetal nas serras e principalmente nas margens dos riachos é ne-

cessária para que: (a) a água da chuva seja retida nos leitos dos riachos e aguadas e (b) a erosão e o assoreamento sejam prevenidos e contidos nos locais, onde as ravinas escavam o substrato rochoso.

A recuperação ambiental pode ser feita através de plantio, que requer custos financeiros, vontade política e compreensão da comunidade. Porém, a restrição de uso é indispensável para que a vegetação recolonize setores degradados ou em degradação, a exemplo do que ocorreu na área da pedreira “São Bento”. Este local está situado aproximadamente 5,0km da sede de Bonfim de Feira nas proximidades do Ribeirão do Cavaco (Tabela I, Fig. 01, Fig. 05).

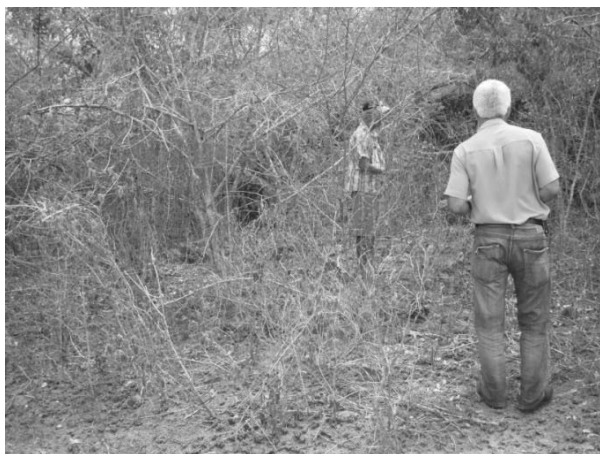


Figura 05 – Aspectos da vegetação na área da pedreira “São Bento”, com árvores e arbustos, que atingem 4,0m de altura (Fotografias de 06/02/2010)

A extração de rocha foi útil em construções residenciais, pavimentação de ruas e coberturas de estradas do distrito. Por alguma razão, a pedreira foi abandonada no final dos anos 1950 e, portanto, a vegetação cobriu as cicatrizes da extração. Esta recuperação ambiental mostra que o abandono da atividade mineral e a restrição de uso do terreno, provavelmente favoreceram as condições essenciais para a formação de solo, mesmo que incipiente.

Este fato revela capacidade do meio ambiente em reestabelecer o desenvolvimento da base para sustentação da planta, que a ciência do solo nomeia “horizonte A”, que favorece acumulação de matéria orgânica, condições de aeração e retenção de água, necessárias ao vegetal. Na realidade, o desenvolvimento da vegetação no distrito Bonfim de Feira é impedida pela atividade econômica secular

(gado/pastagem) em um contexto geológico, geomorfológico e hidrográfico de substrato rochoso exposto, solos rasos e pouco desenvolvidos e rede de drenagem intermitente (temporária).

Portanto, este diagnóstico e as recomendações são importantes do ponto de vista dos recursos naturais e do ponto de vista social, onde a religiosidade e crenças dinamizam este lugar com as manifestações religiosas, para as quais plantas exercem um papel importante e fundamental.

Preservação e resistência

Luhning¹⁰ comenta que no Brasil, o conhecimento tradicional e a transmissão oral da sabedoria popular sobre as folhas não foram prejudicados como ocorreu na Europa. Mais especificamente, no Recôncavo Baiano:

o candomblé foi certamente o lugar onde se guardou uma boa parte dos conhecimentos ligados às folhas tanto no seu uso ritual quanto medicinal”. Todavia, “apesar do fato de as folhas e plantas medicinais há séculos estarem sendo usadas aqui na Bahia – no Brasil e em muitos outros países do mundo –, fazendo parte da sabedoria popular, a forma com que este conhecimento tradicional foi e é abordado pela sociedade varia bastante durante os tempos.

Em Bonfim de Feira, a memória, a história e a realidade social guardam indícios de que não foi diferente. Considerando memória como “*uma atualização do passado ou a presentificação do passado e [é] também registro do presente para que permaneça como lembrança*” (Chauí¹¹) e na perspectiva de “lembranças de velhos” (Bosi¹²), os relatos da população idosa (Barbosa¹³; Grilo¹⁴; Barbosa *et al.*¹⁵) remetem à memória, à história e aos personagens deste distrito desde fins do século XIX.

Conforme depoimentos, farmácia de manipulação faz parte do quadro do distrito até meados de 1970: “*já tive farmácia aqui, seu Plínio morreu, e meu tio, que era médico me falou para eu abrir a farmácia para um rapaz, farmacêutico, chamado Ioiô, e aí, eu botei, fiquei dez anos, depois passei adiante...*” (Z. 87 anos). “*Minha menina mais nova ficou doente, fui na farmácia e Seu Ioiô fez o remédio, ela ficou boa*” (L. 69 anos). Seu Ioiô (1923 – 2008) tornou-se farmacêutico pela prática, aprendeu a arte de “*manipulação de remédios com um médico, que atendia semanalmente*”. Mas, na ausência do médico, ele indicava ervas e remédios caseiros para a população.

Os jornais Folha do Norte (1909 a 1911) e Folha da Feira (1932) noticiam farmácia e médico em Bonfim de Feira. Não é possível afirmar que seriam contrapontos ao saber tradicional e supervalorização da medicina erudita. Contudo, processos crimes (1900 a 1960) acusam cidadãos por curandeirismo:

O promotor público da comarca no desempenho de suas atribuições e baseado nos depoimentos... vem denunciar da conhecida curandeira... por haver no dia 15 de agosto, naquele distrito [Bonfim da Feira], promovido “Candomblé”, ministrando substâncias nocivas a saúde” (Processo crime¹⁶).

Os termos “curandeira”, “15 de agosto” e “substâncias nocivas a saúde” são indicadores de intolerância ao candomblé, um fato comum na Bahia do final do século XIX.

Segundo Reis¹⁷, os chefes de casas de candomblé eram denominados feiticeiros nos do-

cumentos oficiais e adivinhos ou curadores pela imprensa. Estes chefes ou os adeptos eram perseguidos sistematicamente pela polícia baiana, mas as autoridades nem sempre concordavam sobre o melhor método de puni-los. No município de Feira de Santana, esta realidade se estende entre 1900 e 1960, conforme arquivos do Centro de Documentação da UEFS. Ainda neste município, a data “15 de agosto” é comemorativa a Nossa Senhora da Boa Morte (jornal Folha do Norte, 1911) uma data representativa para as populações afro-descendentes. Em Bonfim de Feira, a data celebra o “*senhor das moléstias e suas curas*”, Abaluaê (Obaluaíê)/São Roque (Melo¹⁸).

Portanto, percebe-se que os fiéis de “Ramos” e os terreiros de Bonfim de Feira são cenários de resistência e preservação cultural, que contribui socialmente, quando mantém o conhecimento tradicional secular no Brasil, que de acordo com Cascudo¹⁹ reúnem conhecimentos dos indígenas, africanos (bantos e sudaneses) e portugueses. E, costume milenar na história da farmacopeia mundial, que segundo Almeida⁷ vem das civilizações egípcias, assírias, hindus, europeias, árabes e africanas, com registros mais antigos de centenas de plantas medicinais, que são atribuídos aos chineses em 2800 a.C.

Considerações finais

Em resposta às questões iniciais, o cortejo de “Ramos” se revela como forma de transmissão do conhecimento popular e de resistência da cultura afro-indígena com emprego medicinal e ritual das plantas. Esta manifestação cumpre um papel educacional, que talvez a escola não perceba e não utilize como ferramenta e material didático no ensino básico local. Desta maneira, este trabalho pode ser uma referência para (a) sensibilização, recuperação e preservação do meio físico e dos recursos naturais (água e vegetação), (b) inventariar as plantas locais (Fig. 06) e (c) mediação do diálogo com a escola.

Este diálogo pode estabelecer uma prática em que o saber, a realidade e os costumes locais integrem a prática pedagógica na escola, que vislumbre a perspectiva de Freire²⁰, em que

os homens educam-se entre si mediatizados pelo mundo, pela educação problematizadora que exige a superação da contradição educador-educando e o diálogo, e em que ambos se tornam sujeitos do processo e crescem juntos em liberdade.

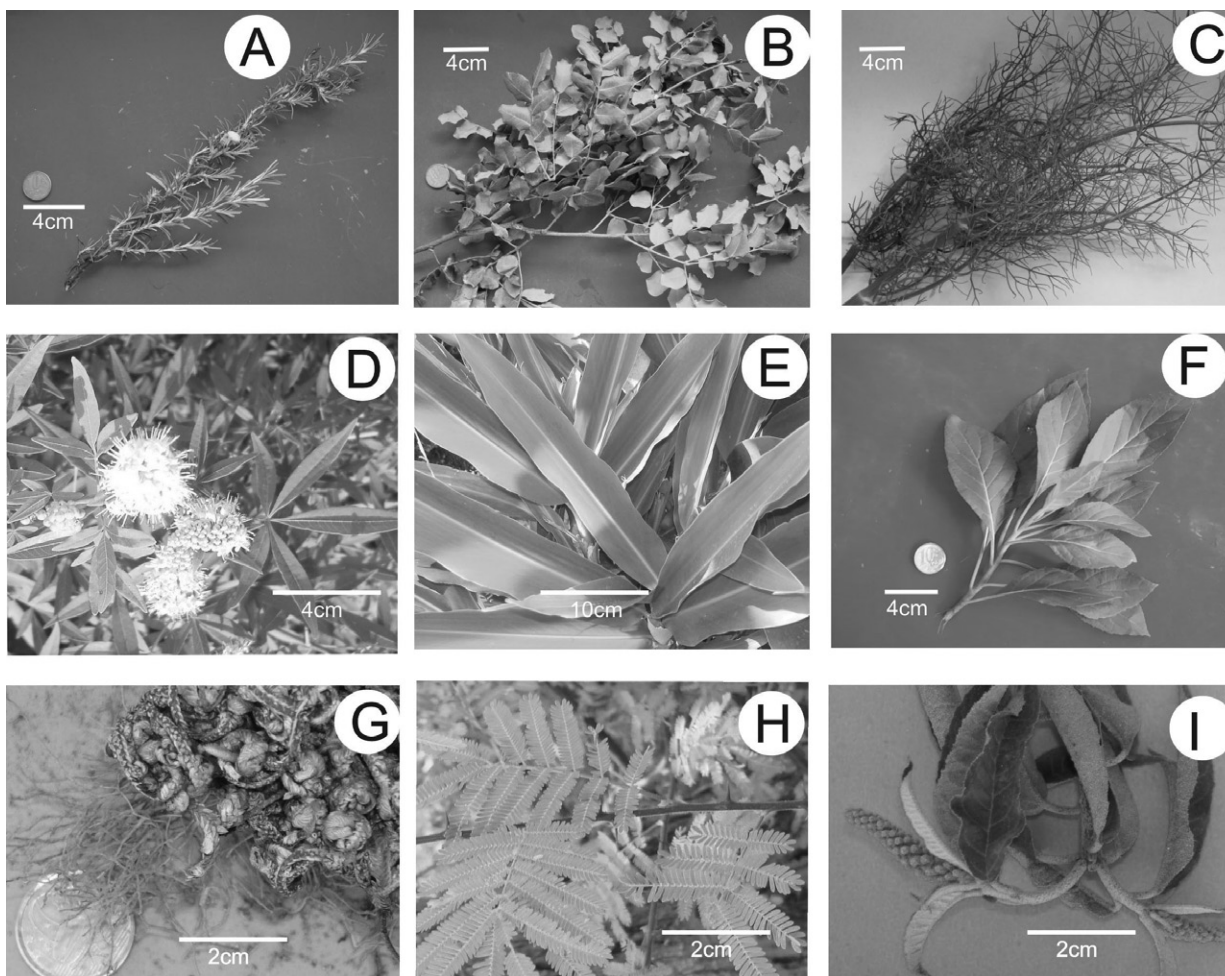


Figura 06 – Plantas úteis na procissão de Ramos (A- alecrim, B- catinga-de-porco, C- erva-doce), no terreiro (D- alfazema, E- água-de-alevante, F- manjeriço) e na pedreira (G- cabeça-de-negro, H- jurema, I- velame)

Plantas estão na memória e na realidade desta população, tanto por tradição quanto por necessidade desta área rural com atendimento médico precário para 5000 habitantes (aprox.). Assim, cabe citar Câmara Cascudo: “A fé realiza o que não é possível à Medicina!” Quanto ao uso adequado e a transmissão deste saber, que integram cultura e saúde coletiva, precisam ser incentivados.

Por fim, vale mencionar que a Tabela I inspirou um plano de iniciação à extensão, no qual Bastos²¹ exhibe nomes científicos, detalha as funções medicinais (gripe, hipertensão, febre, cólica, calmante vascular etc) e mapeamento mais sistemático, que fortalece o cenário deste artigo.

Agradecimentos

Somos gratas às vozes de Bonfim de Feira: Anaelson Lopes Tim, Edilson Lopes, Lourival Lopes, Jailton de Jesus, Ivan Bastos, Lia Ferreira,

Costinha Araújo, Margarida Alves e Zequinha Leite; ao motorista Joilson Pereira; às profas. Marise Santana (Letras/Artes) e Denise Laranjeira (Educação), pelo incentivo; e aos avaliadores pela análise e críticas apresentadas.

Contribuição dos autores

Liana Maria Barbosa, responsável pela orientação da pesquisa e coordenação geral do projeto de extensão.

Gracinete Bastos de Souza, orientação do mapeamento e do banco de dados.

Alisandra de Souza Silva, bolsista FAPESB, responsável pela elaboração do banco de dados no período 2008 – 2009.

Laina de Freitas Melo, bolsista PIBIC-CNPq, responsável pela elaboração banco de dados no período 2009 – 2011.

Agda da Luz Oliveira, responsável pela documentação fotográfica e coleta de plantas no período 2009 – 2010.

As autoras socializaram os resultados do projeto e realizaram exposição para a comunidade em 2009 e 2010.

Referências

1. KOSTNER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução de Luis da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro/São Paulo/ Fortaleza: ABC, [1816]. 2003, 316p.
2. SERRA, Ordep; BANDEIRA, Fábio B.; PACHECO, Leonardo M. (orgs.) **O mundo das folhas**. Salvador: EDUFBA, 2002, 237p.
3. CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, Salvador: CEAO, 2006.
4. MOURA, Flávia de B.P. (org.) **Conhecimento tradicional e estratégias de sobrevivência de populações brasileiras**. Maceió: AdUFAL, 2007, 157p.
5. MORAIS, Selene M; DANTAS, Joana D'arc P; SILVA, Ana R A; MAGALHÃES, E. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. **Revista Brasileira de Farmacologia**, <doi:10.1590/S0102-695X2005000200017> 15(2). 2005
6. PIRES, Marcel V; ABREU, Priscilla P; SOARES, Cynthia S; SOUZA, Brenno; MARIANO, Daniela; SILVA, Delmira C; ROCHA, Emerson A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, 7(1):3-8, 2009.
7. ALMEIDA, Mara Z. **Plantas medicinais**. Salvador: EDUFBA, 2003, 213p.
8. SILVA, Alisandra Souza; SOUZA, Gracinete Bastos. Diagnóstico geoambiental do distrito Bonfim de Feira. Goiânia: **Ateliê Geográfico**, 3(8):53 – 73, 2009.
9. EMBRAPA. **A Embrapa nos biomas brasileiros**. Disponível em: <http://www.embrapa.gov.br>. Acesso em: 14.mar.2007.
10. LUHNING, Ângela. Ewê: as plantas e seus parentes africanos. In: CAROSO, Carlos & BACELAR, Jeferson (orgs.) **Faces da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, p. 303- 318.1999.
11. CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2006, 424p.
12. BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001, 484p.
13. BARBOSA, Liana M. Bonfim de Feira por uma visitante. **Boletim ADUFS**. Feira de Santana: ADUFS-UEFS, dezembro de 2007.
14. GRILO, Davi Cerqueira. **Mapeamento da sede distrital de Bonfim de Feira**. Relatório, Iniciação Científica (Orientação: José Carlos B. de Santana/ Gracinete B. de Souza), Feira de Santana: PPPG/UEFS, 2008.
15. BARBOSA, Liana M.; SILVA, Alisandra S.; GRILO, Davi C.; SOUZA, Gracinete B.; MELO, Laina F. **Bom fim: Bonfim de Feira em foco I**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana. CD-Rom. 2010.

16. PROCESSO CRIME. **Judiciário**. Fl. 33, 1905, Feira de Santana: CEDOC-Centro de documentação da UEFS, 1905.

17. REIS, João José. **Domingos Sodré: um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 463p.

18. MELO, Laina de F. **Arquivo digital do distrito Bonfim de Feira**. Relatório, Iniciação Científica (Orientação: Liana Maria Barbosa/Gracinete B. de Souza), Feira de Santana: PPPG/UEFS, 2010.

19. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro: revisto, atualizado e ilustrado**. São Paulo: Global editora, 2001, 768p.

20. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 1970, 184p.

21. BASTOS, Carla A.M.F. **O significado dos itens vegetais na manifestação religiosa em Bonfim de Feira**. Relatório parcial, Iniciação à extensão. (Orientação: Liana Maria Barbosa), Feira de Santana: PROEX/FAPESB/UEFS, 2010.

Abstract

Our objective was to disclose some aspects regarding Physics learning in the state of Rio de Janeiro, based on the performance of the students participating in the 2009 Brazil's Physics Olympiad (OBF). Quantitative analysis of scores by students from different private and public schools in 42 cities of the state of Rio de Janeiro over the three phases of OBF was made. We compared the performance of public and private schools from capital with that of the inner cities over the phases of OBF. We concluded that public and private schools in the inner cities are much more interested in participating in OBF than the schools in the capital. By comparing the performance between public schools, the schools in the inner cities starts in advantage but those from the capital take the stage while the competition advances. As far as learning regards, few students know how to handle experimental activities and many of them have difficulty in solving discursive questions. Some teachers are still not familiar to the Information and Communication Technology (ICT). Continuous updating courses for teachers are extremely required, especially for those from schools in the inner cities of the state.

Keywords: Public and private schools; Brazil's Physics Olympiad

Tabela I – Amostragem das plantas em Bonfim de Feira, Feira de Santana, Bahia

DENOMINAÇÃO	OUTROS	RAMOS	TERREIRO	PEDREIRA	FORMA DE OBTENÇÃO	USO
1 Acocô - Akokô	1		1		Cultivada	Ritual
2 Alecrim-de-caco		1			Cultivada	Medicina/Alimentar/Ritual
3 Alecrim-de-vaqueiro, alecrim-de-tabuleiro		1	1		Cultivada/Mata	Ritual/Ornamental
4 Alevante-graúda, chorona		1	1		Cultivada	Medicinal
5 Alevante-miúda		1			Cultivada	Medicinal
6 Alfavaca-de-cobra, alfavaca-de-galinha		1			Cultivada	Medicinal/Alimentar
7 Alfazema		1	1		Cultivada	Medicinal/Ritual
8 Alumã		1	1		Cultivada	Medicinal
9 Angélica	1	1	1		Cultivada	Ritual/Ornamental
10 Aquarana, quarana		1	1		Cultivada	Ritual
11 Arruda		1	1		Cultivada	Medicinal
12 Bananeira			1		Cultivada	Alimentar/Ornamental
13 Beldroega		1		1	Cultivada/Mata	Ritual
14 Berra-bode				1	Mata	Brinquedo
15 Bezetacil	1				Cultivada	Medicinal
16 Brilhantina	1		1		Cultivada	Medicinal
17 Bromélia, chupa-chupa				1	Mata	S/informação
18 Cabeça-de-frade			1	1	Cultivada	Ritual
19 Cabeça-de-nego				1	Mata	S/informação
20 Cajá			1		Cultivada	Alimentar/Ritual
21 Cajarana		1	1		Cultivada	Alimentar/Ritual
22 Calumbi, unha-de-gato, rompe-gibão				1	Mata	S/informação
23 Cansação				1	Mata	Ritual
24 Capim-santo		1	1		Cultivada	Medicinal
25 Castanheira	1	1	1		Cultivada	Ritual
26 Cataflan	1				Cultivada	Medicinal
27 Catinga-de-porco, pau-de-rato, chá-de-Maria		1	1	1	Mata	Medicinal
28 Cidreira			1		Cultivada	Medicinal
29 Comigo-ninguém-pode			1		Cultivada	Ritual
30 Coqueiro			1		Cultivada	Ornamental
31 Erva-de-Nanã, coroa-de-Cristo	1		1		Cultivada	Ritual
32 Erva-doce		1			Cultivada	Medicinal
33 Espada-de-Ogum			1		Cultivada	Ritual
34 Espada-de-Oxossi	1		1		Cultivada	Ritual
35 Folha-da-fortuna	1		1		Cultivada	Ritual
36 Folha-de-Ogum			1		Cultivada	Ritual
37 Fuso				1	Mata	S/informação
38 Graviola, jaca-de-pobre			1		Cultivada	Medicinal/Alimentar
39 Guabiraba	1				Cultivada	S/informação
40 Guiné		1	1		Cultivada	Ritual
41 Hortelã			1		Cultivada	Medicinal
42 Incó				1	Cultivada	Ornamental
43 Jamelão		1			Cultivada	Medicinal/Alimentar
44 Jaqueira		1			Mata	Madereira/Alimentar
45 Jasmim	1		1		Cultivada	Medicinal
46 Jerema, jurema			1	1	Mata	Ritual
47 Juá, juazeiro				1	Mata	S/informação
48 Laranja	1				Cultivada	Medicinal
49 Mandacaru				1	Mata	S/informação
50 Mangueira	1		1		Cultivada	Ritual/Alimentar
51 Manjerição graúdo		1	1		Cultivada	Medicinal
52 Manjerição miúdo		1	1		Cultivada	Medicinal
53 Maracujá			1		Cultivada	Medicinal/Alimentar
54 Mastruço			1		Cultivada	Medicinal
55 Melão-de-São-Caetano	1		1	1	Cultivada/Mata	Medicinal
56 Melissa, dormideira				1	Mata	Medicinal
57 Mulungu, munlugu, molungu			1		Cultivada	Ritual
58 Murici			1		Mata	Madereira
59 Novalgina	1				Cultivada	Medicinal
60 Palmeirinha		1	1	1	Cultivada	Ornamental
61 Pindoba		1	1	1	Mata	Ritual/Ornamental
62 Pinhão-branco				1	Cultivada/Mata	Ritual
63 Pinhão-roxo, pião-roxo	1		1	1	Cultivada/Mata	Ritual
64 Pitanga		1			Cultivada	Medicinal/Alimentar
65 Quioiô			1		Cultivada	Medicinal
66 Romã		1			Cultivada	Medicinal
67 Samambaia	1		1	1	Cultivada/Mata	Ornamental
68 Sangue-lavou			1		Cultivada	Medicinal
69 Sempre-verde, ficus	1		1		Cultivada	Ritual/Ornamental
70 Sena, língua-de-vaca	1				Cultivada	Medicinal
71 Suspiro-branco		1			Cultivada	Medicinal
72 Tapete-de-Oxalá, hortelã-de-Caboclo			1	1	Cultivada/Mata	Medicinal
73 Tingui, pote				1	Mata	Veneno p/ pescaria
74 Tira-teima			1		Cultivada	Ritual
75 Uburana, imburana de cheiro				1	Mata	Madereira
76 Unha-de-vaca, pata-de-vaca, pata-de-boi				1	Mata	S/informação
77 Velame			1	1	Mata	Medicinal
	19	26	47	25		